

Temática

Propomo-nos a refletir a respeito do leitor sob os efeitos dos sons e sentidos propostos por João Guimarães Rosa em seu *Grande Sertão: Veredas*, obra em que as tensões estão presentes desde os enigmas da travessia de Riobaldo pelo sertão, até a materialidade fônica que se apresenta como fio condutor da narrativa.

Conceitos teóricos

Como ancoragem teórica buscamos as importantes considerações sobre som e sentido feitas por Ferdinand de Saussure em *Escritos de Linguística Geral* (2002: 237). De acordo com o linguista, “[o discurso] consiste em afirmar uma ligação entre dois conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística (...) que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento”. Nesse sentido, refletimos sobre a relação estabelecida entre o sujeito e a “*matéria deslizante da língua*”, assim chamado o significante por Saussure. Buscamos apoio, também, nas ideias lançadas por Jan Mukarovsky, em *Poética e Fonologia* (1978: 206), a respeito do poeta e sua obra. O teórico aponta o repertório fonêmico como elemento capital para o poeta diante de sua escrita por vir: “*o poeta dispõe do repertório dos fonemas de sua língua (...) Ao fazer sua escolha pode, por exemplo, tornar mais ou menos frequentes os encontros que, no uso corrente, são mais raros, ou inversamente*”.

Análise

Fragmentos do romance:

I) Fluidez sonora

→ “eu disse; disse mansinho mãe, Mansice, caminhos de cobra” (p. 292)

II) Aspereza sonora

→ “Eu cá, ché, eu estou p'lo qu' o ché pro fim explodir...” (p. 286)

→ “Somente foguinhozinho azoável assim azulmente, que em leve vento se espalhava: fogo-fá, jan-dla-foz” (p. 584)

Encaminhamentos

A partir dos conceitos apresentados, refletimos sobre os efeitos da aspereza e da fluidez da sonoridade rosiana no leitor. Ao romper com a fluidez dos padrões fonológicos previstos, Guimarães Rosa propõe contrastes fonêmicos que parecem sugerir uma desautomatização quanto à língua, momento em que o sujeito perde aquilo que possuía como terras firmes. Nesse sentido, pensamos sobre as importantes considerações de Sigmund Freud a respeito do “estranhamente familiar”, na ordem da língua: “(...) *aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar*” (1996: 239). A suspensão da capacidade de significar uma nebulosa de sons produz no leitor uma hesitação, na tentativa de contornar uma construção inusitada da relação entre som e sentido. Em consequência, ele acaba por mobilizar menos as combinações fonêmicas que lhe são familiares em sua língua do que aquelas que parecia ser incapaz de produzir.

